

A young woman with dark hair, wearing a bright yellow dress with a lace bodice, stands in shallow water. She is leaning forward, holding a small purple object in her hands. The background shows a rocky coastline with waves crashing against the rocks under a cloudy sky.

**3X MULHER:
O EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DA
FOTOGRAFIA DE JOVENS MULHERES**

YSTTÉPHANI JURAK SINHORINI

3 X MULHER É UM PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM JORNALISMO.

DIAGRAMAÇÃO, FOTO E TEXTO: YSTTÉPHANI JURAK SINHORINI

ORIENTADORA: PROF. DRA. VANESSA LEHMKUHL PEDRO.

2018



AFINAL, VOCÊ SABE O QUE É EMPODERAMENTO FEMININO?

O EMPODERAMENTO É QUANDO SE GANHA ESPAÇO, PODER, DIREITOS, POSSIBILIDADES DE ESCOLHA. PARA AS MULHERES, É TAMBÉM QUANDO COMPARTILHA ESSE PODER COM OUTRAS MULHERES, PERMITINDO QUE ELAS VENHAM A ASSUMIR SEU PODER INDIVIDUAL. TEM LIGAÇÃO COM REPRESENTATIVIDADE, SORORIDADE E COLABORAÇÃO. EMPODERAR É LEVANTAR UMA MULHER, MOSTRAR PARA ELA QUE ELA PODE SIM FAZER O QUE QUISER E CONQUISTAR O SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE E NO TRABALHO E NÃO MENOS IMPORTANTE, QUE ELA RECONHEÇA QUE É LINDA DO JEITO QUE É (LIMA, 2016).

PERCEBEMOS AO NOSSO REDOR QUE MUITO SE DISCUTE NOS DIAS ATUAIS SOBRE A QUESTÃO DE EMPODERAMENTO FEMININO. NO MUNDO DAS REVISTAS DE MODA É ONDE ISSO MAIS ACONTECE, DEVIDO ÀS CAMPANHAS E LOOKBOOKS, SURGINDO DÚVIDAS SOBRE A IMAGEM DA MULHER, O LUGAR DE SUJEITO OU DE OBJETO DA FIGURA FEMININA, QUESTIONAMENTOS E ALTERAÇÕES NOS PADRÕES DE BELEZA. MAS O QUE SÃO PADRÕES? SEGUNDO O DICIONÁRIO MICHAELIS, É O MODELO ESTABELECIDO POR CONTA DA APROVAÇÃO E CONCORDÂNCIA GERAL, TAMBÉM SENDO ALGO QUE TEM FORMA E TAMANHO MAIS COMUNS NA CLASSE, QUE NO CASO É A SOCIEDADE. O CONCEITO É ALTERADO CONFORME A PREFERÊNCIA DA DÉCADA, LUGAR DO MUNDO, CLASSE SOCIAL, PROPÓSITO E INFLUÊNCIAS.

COM BASE NESSAS DUAS DEFINIÇÕES, ESTE LIVRO DE DEPOI-
MENTOS E IMAGENS, ENTREVISTAS E FOTOGRAFIAS DOCUMEN-
TAIS QUER APRESENTAR NÃO APENAS UM DEBATE SOBRE O
PADRÃO DE BELEZA QUE É IMPOSTO PARA ÀS MULHERES, MAS
O QUE ISSO CAUSA NA VIDA DELAS. E MOSTRAR HISTÓRIAS E
IMAGENS DE MULHERES QUE DECIDIRAM, NO COTIDIANO E COMO
POSTURA DE VIDA, QUESTIONAR PADRÕES.

3X MULHER TRATA SOBRE O EMPODERAMENTO DE JOVENS MU-
LHERES QUE SE ENCONTRAM NO ÂMBITO ACADÊMICO A PARTIR
DAS SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA. E QUE QUEBRAM OS MODELOS
DE MAGRA E CABELOS LISOS QUE A SOCIEDADE E MÍDIA IMPÕEM
PARA AS MULHERES. O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO TRABAL-
HO CONTA COM FOTOGRAFIAS E ENTREVISTAS, ONDE AS CON-
VIDADAS RELATAM SOBRE SUA VIDA, FORMAS QUE SE EMPODE-
RAM E QUEBRAM AS BARREIRAS IMPOSTAS E TRAZEM UM POUCO
DO QUE FAZEM, ONDE SE SENTEM BEM E O QUE FAZEM POR MEIO
DAS FOTOS QUE SÃO O PRODUTO FINAL DESTES TRABALHOS.

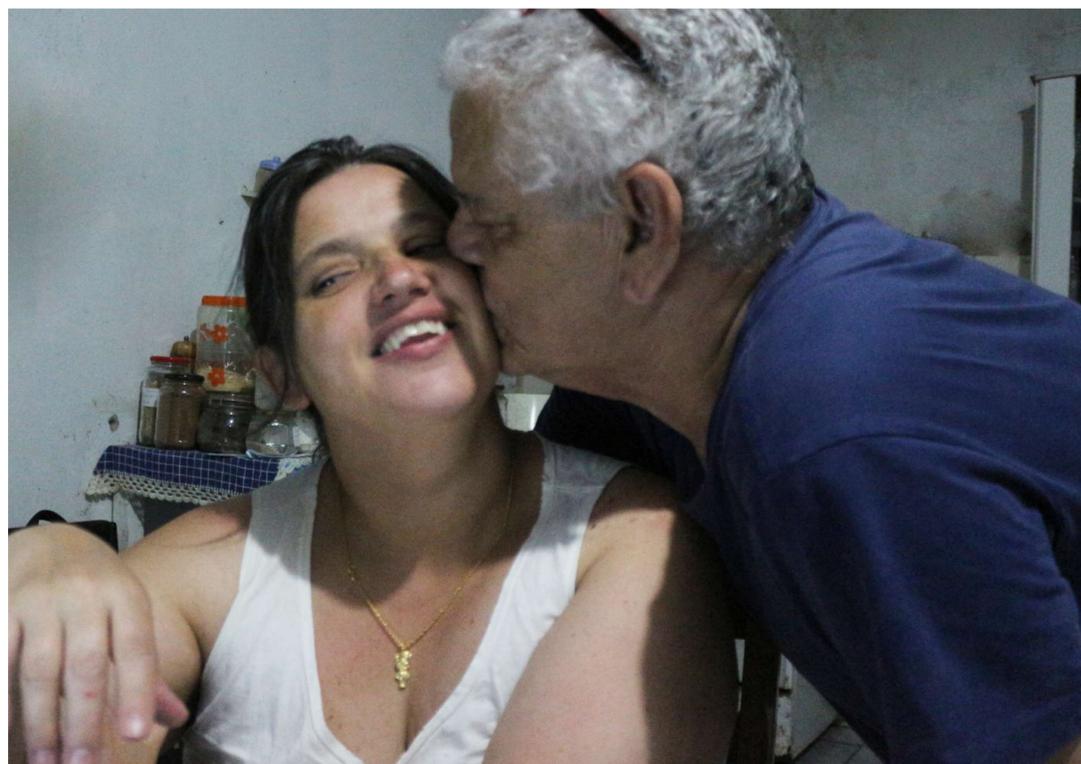


JESSICA SILVEIRA DA MOTA

LEIDIANE SAMPAIO



ZILÁ MARA JURAK SINHORINI





JESSICA SILVEIRA DA MOTA

“SE AS PESSOAS CONSIDERAM QUE VESTIR 38 É O PADRÃO, NOSSA EU ESTOU LONGE, POIS ESTOU QUASE DEZ NÚMEROS LONGE DO PADRÃO”.



Dentro do carro, indo para a praia do Matadeiro, no sul da ilha de Florianópolis para realizar as fotos de Jessica Silveira da Mota, com uma música calma tocando ao fundo, pergunto se posso começar a entrevista. E ela diz que sim. Então, pergunto sobre a sua vida e como foi sua infância. Ela começa dizendo que sua mãe a teve sozinha, aos 19 anos e que moravam com os seus avós, que a consideram meio neta e meio filha. Seu pai tentou convencer sua mãe a abortar, mas não conseguiu. É bom, ele estava voltando com a família para o estado de onde eles vieram. Jéssica nunca teve contato com ele, até que quando tinha 15 anos conheceu seu pai que veio até Florianópolis, Santa Catarina.

Sua mãe casou-se novamente e desde que ela tinha 2 anos considera o novo marido de sua mãe, seu pai. Chamando-o de pai antes mesmo de sua mãe se casar com ele. "Eu lembro que a gente vinha aqui pro Matadeiro, nas férias de verão, primeira vez que eu vim pra cá, eu não tinha nem 3 aninhos. E eles foram lá me dar boa noite no quarto, daí eu "boa noite mãe, boa noite pai", eles só olharam um para cara do outro, não falaram nada e depois vieram conversar que não era meu pai ainda", relembra.





Com tudo isso, surgiu a dúvida se a relação com seu pai biológico lhe afetou de alguma forma. Jessica disse que sim, pois passou a ter um sério problema de abandono. E que hoje em dia não afeta tanto, mas já se incomodou muito com isso e agora ela sabe lidar, mas é algo que toca ainda. “Eu lembro que bem no começo do meu namoro, eu conversei com meu namorado sobre isso e ele olhou pra mim bem sério e falou assim “cara, eu não vou a lugar nenhum”. Nossa, pensa na Jessica que ficou chorando acho que por uma hora seguida”, lembra. E ela acredita que isso é algo inconsciente, que as pessoas não são obrigadas a ficar presas uma com as outras. Segundo o que conversamos, considera sua infância normal. Aprendeu a ler e escrever cedo. E como sua mãe era professora, ganhava muitos livros, sendo que toda sua família sempre gostou muito de ler, exceto um tio que é deficiente visual hoje em dia e com quem ela jogava dominó quando era mais nova. Começou a ir para o colégio só para o pré. E acredita que foi uma criança bem moleque, com muitas cicatrizes nas pernas e que aproveitou.

Para ser quem é hoje, suas maiores influências foram sua mãe e avó, que apesar de terem feito muitas coisas erradas, ela considera as duas pessoas muito corretas e que tentam fazer o melhor para todos sempre. “Infelizmente por isso elas acabam se deixando de lado e eu aprendi a fazer a mesma coisa, então por um lado acabou prejudicando, porque a gente acaba esquecendo a como que se fala “não”, mas eu acho que de grave foi só isso. Eu acho elas duas mulheres incríveis e queria manter essa linha das mulheres da família continuarem sendo essa” diz.

Quando questionada sobre se sentir bem com quem é hoje, ela pensa e responde que atualmente não se sente mais, por conta da depressão. Ela disse que mudou muito por causa da doença e que antigamente era uma pessoa mais espontânea, mais impulsiva e se divertia muito mais por fazer o que dava na cabeça. “Essa indecisão que eu passei a ter, me incomoda. É difícil voltar a ser o que eu era antes, mas dá pra trabalhar”, diz.

Neste caso, para a jovem, padrão não tem nada a ver com aquelas meninas magras de passarela, pois deve ser apenas um jeito mais fácil para costurar roupa com aquelas medidas, pois é algo muito irreal. “Eu sempre fui grandona, minha família toda também, a gente está no Brasil sabe. Então essa questão toda da magreza excessiva não foi algo que me afetou. Eu sei que nunca fui padrãozinho de revista, mas isso não me afeta porque eu sei que é uma parada muito irreal, você tem que viver para fazer dieta e exercício para ser aquilo e eu tenho mais o que fazer da minha vida”, opina e logo em seguida começa a rir do que falou. Agora falando em relação à moda, isso também não afetou, pois sempre se vestiu com roupa da moda.

Por ter crescido em uma família com mulheres fortes, Jessica se considera até certo ponto uma mulher empoderada. Já que cresceu no meio de figuras femininas, nunca precisou aprender a se empoderar, mas acredita que para quem que estava sempre retraída, deixar de estar é um momento maravilhoso para pessoa. “Para mim, isso foi sempre normal, a mulher ser mandona, a voz da mulher ser ouvida, porque na minha família se meu avô não escuta a minha avó, espera para ele ver a briga que vai dar”, conta. E para empoderar outras mulheres, pensa que o exemplo ensina mais do que a fala, ela dá o exemplo das suas primas que estão suscetíveis às ideias do que os outros falam. “Eu tento fazer com que elas entendam que não precisam acatar o que os outros tem para falar sabe, elas são maravilhosas do jeito que elas são”, finaliza.





LEIDIANE SAMPAIO

“MINHA MÃE SEMPRE FOI UM EXEMPLO PARA MIM A
SER SEGUIDO. COM CERTEZA EU CONSIDERO ELA UMA
INFLUÊNCIA DE QUEM EU SOU HOJE”.



Na Escadaria do Rosário, em Florianópolis, no dia 23 de outubro por volta do horário de almoço, encontrei-me com Leidiane Sampaio, uma mulher alta, que estava com o seu cabelo preso em um coque e com roupas confortáveis. Lá, ela estava vendendo algumas roupas, das quais não precisa mais em seu guarda-roupa. Ao som da música que tocava no ambiente, nos sentamos nas escadas e começamos a conversar sobre a sua história e o seu processo de empoderamento.

A jovem é a filha mais nova de cinco mulheres, natural da cidade de Itagibá, localizada no estado da Bahia, onde viveu até seus 10 anos na zona rural. Depois foi morar na cidade com a família. Quando a baiana é questionada sobre como veio parar em Florianópolis, ela brinca dizendo que foi raptada e dá risada. Até que ela conta que conheceu uma pessoa por telefone, em 2009, e que sempre conversavam, mas nunca aconteceu nada, pois era menor de idade na época e o rapaz não era. Mesmo ele também sendo da Bahia, eles nunca se conheceram.

Até que, em 2012, Leidiane recebeu uma mensagem do garoto dizendo que estava morando em Florianópolis e a convidou para se mudar. E mesmo não conhecendo-o, ela confiava nele. Na época tinha 17 anos, terminou o ensino médio, por ser uma prioridade para mãe. E em dezembro de 2012 veio para cidade. “Eu fui a primeira filha a sair do estado e nunca tinha viajado para longe. Cheguei aqui, nos conhecemos e, em 2013, eu comecei a morar, trabalhar aqui”, relata.





Quando começou a falar de sua mãe, que foi a sua grande influência para ela ser quem é hoje, se emocionou. Em agosto de 2017, ela foi diagnosticada com câncer de mama, mas em um estado avançado e veio a falecer no dia 24 de novembro do mesmo ano. “Ela conseguiu que todas as suas filhas estivessem juntas, estudando, trabalhando, se sustentando e tendo uma vida digna como ela sempre quis”, reconhece.

Logo mudamos de assunto e começamos a falar mais sobre a forma como aceitou o seu cabelo. Hoje ela afirma que se sente bem com quem é hoje e conta que alisou durante muito tempo, fazendo progressiva durante três anos e já usava um relaxamento para o cabelo. “Alguns anos atrás eu conheci o grupo Amigas Crespas de Floripa, que é idealizado pela estudante de Moda, Mercê Souza, que tem uma grife “A gata Crioula”, inspirada na moda afro. E ela me inspira muito por ter tido uma vida dura e estar buscando empoderar outras mulheres no sentido de se conhecer, de se achar linda e ir em busca das suas coisas”, conta. Leidiane conheceu o grupo durante o seu processo de transição capilar e ainda diz com orgulho que hoje tem seu crespo e busca empoderar isso.

Para a baiana, os seus cachos são sua identidade, pois quando se é criança, o normal é começar a ir alisando, fazendo com que se transforme em outra pessoa. “Eu alisei, coloquei mega hair ondulado, fazia chapinha e era muito sofrimento. E hoje nós passamos a aceitar, buscando formas de nos reconhecer e melhorar isso no sentido de pesquisar como cuidar do cabelo crespo e como deixá-lo mais bonito sem usar química”, diz. E quando é perguntada sobre o por que o cabelo crespo é considerado uma quebra de padrão, ela diz que muitas mulheres estão parando de alisar, pois antes era o único jeito de ser aceita na sociedade, mas hoje estão lutando para que isso seja visto como normal. “Eu nasci assim, é o meu cabelo e eu quero que ele seja assim, não tem diferença”, contextualiza.

A fim de aproveitar e mostrar que realmente é algo diferente, a jovem deu como exemplo o que aconteceu com ela no ensaio fotográfico com o grupo Amigas Crespas de Floripa, para o projeto Resistance, da marca E R. Freitas. Lá foram convidadas dez mulheres negras, todas com o cabelo crespo, exceto uma que segundo Leidiane estava com o cabelo liso e que esse é o seu momento de querer estar lisa. “Nós estávamos todas de preto e duas de branco para que a roupa não fosse o destaque e nisso passou uma mulher, que parou e olhou como se fosse algo estranho”, relembra. E isso deixou um pensamento intrigante na cabeça da jovem, que se fossem dez mulheres brancas com cabelo liso, se ela teria olhado da forma que olhou. Elas buscam que esse crespo seja considerado algo normal, mas ainda continuam quebrando padrões. “É um processo de construção, de ver cara feia ou de admiração, são muitos olhares diferentes,” ressalta.

Chegando ao final da entrevista, perguntei como ela ajuda outras mulheres a se empoderar, após pensar um pouco falou que é importante admirar outra mulher, sorrir e elogiar. Até mesmo passar o sorriso, o sorriso vai fazer bem para o dia da outra pessoa. “Se você conhece uma mulher negra de cabelo crespo e acha ela bonita, fala isso pra ela, de repente ela não está com a autoestima tão alta, não está se sentindo segura e se ela ouve isso de outra pessoa isso vai fazer muita diferença na vida dela”, finaliza.





ZILÁ MARA JURAK SINHORINI

“EU ME AMO DO JEITO QUE EU SOU, PORQUE SE EU NÃO
ME AMAR, NINGUÉM VAI ME AMAR”.



Sentada na mesa da cozinha enquanto fazia suas atividades, comecei a conversar com Zilá Mara Jurak Sinhorini. Ela estava concentrada no que fazia no seu notebook, mas respondia às perguntas com tranquilidade. No começo, ficou um pouco retraída e quando questionada sobre sua vida, ficou pensativa, pois não sabia por onde começar. Ela é natural de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde com seis meses morava na casa de uma senhora, que chama de avó. “Eles que me ensinaram muita coisa que eu sei sobre a vida, vivi muitos anos com eles até meu pai morrer”, relata.

Então disse que quando tinha cinco anos, seu pai veio a falecer em um acidente de carro e aos seis anos foi para um colégio interno de freira. “Depois disso todo mundo implicava comigo, porque eu vivia chorando por causa do meu pai. As minhas irmãs tinham vergonha de mim quando a gente ia no mercado, porque quando meu pai era vivo, comprávamos tudo que eu queria, depois que ele morreu não deu mais para comprar”, relembra. Quando se lembra da infância, diz que foi legal e que não foi das piores. É que tinha liberdade que foi tirado das crianças hoje em dia, pois brincava de pega-pega na rua, esconde-esconde, amarelinha. “Eu estudava de manhã, e eu e meus amigos ficávamos até meia noite na rua brincando, não tinha perigo naquele tempo, era bem legal”, conta.





Peço então para que ela defina a sua vida quando era mais nova em uma palavra. E ela diz "louca", pois não tinha limites. Fazia o que queria e pronto, tentavam impor limite, mas não tinha como. "Eu não tinha quem cuidasse de mim, ou eu cuidava de mim ou ninguém cuidava de mim", diz. Conta ainda que não se envolveu com drogas, mas teve tudo para se envolver e antes com gente que era má, mas nunca deixou-se envolver, pois pensava na sua vida e no que ia prejudicá-la ou fazer bem.

Para ser quem é hoje, a gaúcha diz que não teve influências e tudo que aprendeu, aprendeu sozinha ou em uma das casas que morou. Quando questionada se a falta da sua mãe em sua vida e a perda do seu pai afetou em alguma coisa, ela conta que afetou, pois não teve uma base familiar e sabe hoje o que é uma família, pois hoje é casada e tem dois filhos. "Hoje eu construo a minha família com falhas, erros, pode até ser, mas eu não tive uma estrutura familiar para saber, a não ser a da família da avó. Com eles eu aprendi a andar, falar, larguei a fralda, e na casa deles que eu soube o dia que meu pai morreu, então todos os momentos da minha vida, principalmente no início da minha vida, foram com eles", relata e se emociona ao relembrar esses momentos.

Para Zilá, padrão é tudo aquilo que é rotulado, algo que seja o correto e ponto final. Caso você seja diferente, você não pertence a determinado mundo. Ela não se vê nos padrões impostos pela sociedade, pois é gorda e voltou a estudar com 39 anos. “É isso é algo que surpreende a sociedade em que vivemos, no caso, tudo que relaciona idade e estudo, vai parar na mídia, por ser algo diferente”, diz. E a jovem é estudante de Nutrição, um curso que para ela todo mundo vê que é para deixar as pessoas magras, perfeitas e gostosas e seu biotipo é totalmente ao contrário disso. Ela vê o seu curso como uma forma de saúde e não para seguir o padrão de beleza de ser magra. “No meu ponto de vista, a nutrição é para tirar as pessoas da diabete, da hipertensão, da obesidade, da desnutrição, que são doenças que matam e do próprio câncer também”, conta.

Quando pergunto se ela é uma mulher empoderada, ela responde que não se sente uma mulher empoderada, pois não é. E logo eu explico para ela o conceito de ser empoderada, que nada mais é do que a mulher se aceitar do jeito que é e ter autonomia sobre tudo que a envolva. Ela pensou e disse que é empoderada. “Eu sou feliz com quem sou hoje, eu tenho a família que eu quero e que amo”, relata.

Sendo assim, Zilá não sabe se empodera outras mulheres, mas ela tenta ajudá-las como consegue, seja por meio de um elogio ou de uma conversa. Sempre que pode mudar o dia de alguém por meio de um elogio, ela faz. “Eu tento encorajá-las para vida, pois a vida sabe ser muito cruel. É muito importante a gente ajudar as pessoas, principalmente as mulheres que se sentem afetadas pelo que a sociedade impõe”, finaliza.



REFERÊNCIAS

MICHÆELIS. MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://MICHÆELIS.UOL.COM.BR/MODERNO-PORTUGUES/BUSCA/PORTUGUES-BRASI-LEIRO/PADRÃO](https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/padrão) >. ACESSO EM: 15 ABR. 2018.

LIMA, STEFANNY. POR QUE O EMPODERAMENTO FEMININO É IMPORTANTE? 2016. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://NOSSACAUSA.COM/POR-QUE-O-EMPODERAMENTO-FEMINI-NO-E-IMPORTANTE/](http://nossacausa.com/por-que-o-empoederamento-feminino-e-importante/)>. ACESSO EM: 11 NOV. 2018.